



DO CORAÇÃO À PENCA DA BANANA: considerações sobre o léxico brasileiro a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Carla Regina de Souza FIGUEIREDO (UEMS - Dourados)*
Daniel Klein e Lima RAMOS (UEMS - Dourados/ Pibic)**
Pedro Henrique Ferreira ARAGÃO (UEMS - Dourados/ Pibic)***

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados de estudos dialetológicos desenvolvidos no interior das regiões Nordeste (Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia e Ceará) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) brasileiras por meio do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Inventariou-se as denominações para “cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer”, correspondente à pergunta 42 do questionário semântico lexical (QSL). As análises do *corpus* foram pautadas nas contribuições da Dialetologia e da Geolinguística, além da consulta de diferentes obras lexicográficas, que colaboraram, especialmente para a validação das respostas dadas pelos informantes. 57 (cinquenta e sete) localidades do interior nordestino, a variante *penca* é a mais produtiva na Bahia (74,4%), no Ceará (72,09%), no Rio Grande do Norte (61,1%) e no Sergipe (60%), comportamento que não se repete em Alagoas (15,38%), em que *palma* é predominante (61,53%). Já na região Sul, *penca* prevaleceu no Paraná (89,23%) e em Santa Catarina (79,48%) e foi a segunda forma mais mencionada no Rio Grande do Sul (41,93%), estado federativo em que *cacho* (48,38%) foi mais recorrente. De modo geral, os dados apontam para uma variação lexical decorrente de processo metonímico e por analogia entre os referentes conhecidos pelos informantes, ratificando resultados de outros trabalhos desenvolvidos a partir dos dados do ALiB.

Palavras-chave: ALiB; Nordeste; Sul; variantes lexicais para *penca*.

1 Introdução

Descrever a realidade linguística brasileira é, sem dúvida, um grande desafio, que demanda organização metodológica, delineamento epistêmico e definição de objetivos que tragam à tona resultados que possam aprimorar o processo de ensino e aprendizagem de línguas em meio ao contexto multidialetal do Brasil.

Desde 1996, um grupo de pesquisadores, reconhecendo a língua portuguesa como “[...] instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias

* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. carlarsfigueiredo@gmail.com

** Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. dklramos99@gmail.com

*** Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. pedrohenriqueurano@gmail.com



normas de uso, mas de uma unidade sistêmica” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p.vii), propuseram-se a elaborar um atlas linguístico que pudesse revelar variantes¹ e comportamentos relativos ao uso do português brasileiro, de modo que a partir da visão macro-areal de alguns fenômenos linguísticos, inferências sobre essa variação no espaço fossem identificadas. Para tanto, pautaram-se nas contribuições da Dialectologia e Geolinguística pluridimensionais na identificação das diferenças (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) “no falar” de 1100 informantes, moradores da área urbana e de perfis distintos² (dimensões diasssexual, diageracional e diastrática), distribuídos em 250 localidades (dimensão diatópica) eleitas como ponto de investigação.

A comparabilidade dos dados coletados é possível, pois, no caso do ALiB, deliberou-se pela aplicação de um mesmo instrumento: três tipos de questionário direcionados para os aspectos (a) fonético-fonológicos – (QFF) com 159 perguntas, às quais somam-se 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexicais – (QSL) com 202 perguntas; e (c) morfossintáticos – (QMS) com 49. A esses três tipos, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes" (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

Sediado na Universidade Federal da Bahia, o ALiB congrega pesquisadores de sete universidades públicas e ao longo dos anos da sua execução, a Regional de Mato Grosso do Sul atua de forma significativa em atividades de coleta, de transcrição e de análise de dados inventariados. A Regional MS, que integramos, é responsável pelo estudo de 25 (vinte e cinco) perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Dentre essas, foi objeto da presente investigação as denominações para “cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer”, correspondente à pergunta 42 do questionário semântico

¹ Por variante linguística entende-se cada possibilidade de realização de algum elemento da língua que pode se realizar de diferentes maneiras (Figueiredo, 2014, p.34).

² Em todos os pontos houve o mesmo perfil dos colaboradores da pesquisa (homens e mulheres; de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, com escolaridade até o ensino fundamental). Nas capitais, acrescentaram-se mais quatro informantes (homens e mulheres; jovens e idosos, com ensino superior completo).



lexical (QSL), dadas pelos informantes residentes no interior das regiões Nordeste³ e Sul⁴ do Brasil.

A exemplo de Isquerdo e Romano (2009; 2023), que já estudaram a nomeação destes dois referentes nas vinte e cinco capitais brasileiras, os apontamentos aqui realizados consideraram tanto a distribuição diatópica quanto a natureza semântica das variantes lexicais mapeadas. Importante destacar que a pergunta selecionada se vincula à área semântica das *Atividades agropastoris* e, segundo os autores supracitados, podem revelar

[...] aspectos não apenas sobre a diversidade diatópica do português brasileiro, confirmando a grande divisão dialetal proposta por Nascentes (1953 [1922]), falares do Norte e do Sul, que se confirma, por ora, sob a perspectiva lexical, como também traços de ruralidade que se esvaem da fala do homem urbano, o que se confirma pela abstenção significativa de respostas [...] (Isquerdo e Romano, 2023, p.206).

As considerações a seguir pretendem pontuar a relação rural/urbano no vocabulário de homens e mulheres citadinos a fim de corroborar ou não com o que apontaram Isquerdo e Romano.

2 Os nomes para *penca de banana* no interior do Nordeste e no Sul do Brasil a partir dos dados do ALiB

“Como se chama, por aqui, cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?” - Entre as respostas e ausência dessas dadas em 57 (cinquenta e sete) localidades do interior nordestino, a variante *penca* é a mais produtiva na Bahia (74,4%), no Ceará (72,09%), no Rio Grande do Norte (61,1%) e no Sergipe (60%), comportamento que não se repete em Alagoas (15,38%), em que *palma* é predominante (61,53%).

³ Conforme Edital UEMS/CNPq n.01/2024, Projeto de Iniciação Científica desenvolvido por Pedro Henrique Ferreira Aragão sob orientação da Profa. Carla Regina de Souza Figueiredo. Até o momento, as localidades interioranas pertencentes aos estados do Maranhão e do Piauí não foram computados, pois estão em fase de validação das respostas transcritas. Assim, dos sessenta e nove pontos do ALiB objeto da pesquisa de IC, serão analisados neste artigo, as variantes catalogadas em cinquenta e sete.

⁴ Conforme Edital UEMS/CNPq n.01/2024, Projeto de Iniciação Científica desenvolvido por Daniel Klein e Lima Ramos sob orientação da Profa. Carla Regina de Souza Figueiredo. Quarenta e uma (41) das 250 localidades pertencentes à rede de pontos eleitas no ALiB correspondem às cidades do interior do Sul do Brasil



Já na região Sul, *penca* prevaleceu no Paraná (89,23%) e em Santa Catarina (79,48%) e foi a segunda forma mais mencionada no Rio Grande do Sul (41,93%), estado federativo em que *cacho* (48,38%) foi mais recorrente.

Nas tabelas a seguir, a distribuição diatópica (n. de ocorrências) das respostas validadas para o referente descrito na pergunta 42 do QSL nas regiões Sul e Nordeste do Brasil.

Tabela 1 Distribuição diatópica (nº. de ocorrências) das respostas válidas para “nome que se dá para cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer” no interior da região Nordeste do Brasil

Estado Item lexical	Alagoas	Bahia	Rio Grande do Norte	Sergipe	Ceará	TOTAL
Penca	02	64	11	06	31	114
Palma	08	-	05	02	05	20
Dúzia	01	17	01	01	-	20
Cacho	-	04	01	01	05	11
Não resposta	02	02	-	-	02	06
TOTAL	13	87	18	10	43	171

Fonte: elaborado pelos autores

Tabela 2 Distribuição diatópica (nº. de ocorrências) das respostas válidas para “nome que se dá para cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer” no interior da região Sul do Brasil

Estado Item lexical	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul	TOTAL
Penca	58	31	26	115
Cacho	05	04	30	39
Dúzia	01	-	-	01
Cachopa	-	-	01	01
Mão	-	02	03	05
Não Respondeu	01	02	02	05
TOTAL	65	39	62	166

Fonte: elaborado pelos autores

Embora a forma predominante seja *penca* nas duas regiões estudadas, há uma maior incidência de variantes coocorrendo, em termos de produtividade, no Nordeste, como *palma* (20), *dúzia* (20) e *cacho* (11).

Ao consultarmos as obras lexicográficas Aulete (digital, s.d), Ferreira (2010) e Houaiss (2009), notamos que o semema “conjunto de frutos ou flores presos a uma



única haste” prevalece na definição de *penca*. Apenas em Houaiss (2009, p.1464), faz-se uma menção à “cada um dos grupos frutíferos dos cachos de bananas”.

Nas capitais da região Nordeste, *penca* foi a resposta dada por todos os oito informantes de Salvador (BA), 78% dos de Fortaleza (CE), 75% em Aracajú (SE) e 60% em Teresina (PI). Todos os curitibanos (PR) e os florianopolitanos (SC) também responderam *penca*, enquanto Porto Alegre (RS) correspondeu a 62% das respostas (Isquerdo; Romano, 2023, p.197-198).

Entre os dados documentados e analisados até o momento, *palma* se constitui como forma “típica” da região nordeste, exceto na Bahia, tal como já atestaram Isquerdo e Romano (2023) no comportamento linguístico dos informantes das capitais dos estados brasileiros.

[...] *palma*, nos dados relativos às capitais do Brasil, teve uso exclusivo em capitais das regiões norte e nordeste, configurando-se, desse modo como uma forma regional. [...] Nas capitais nordestinas, apenas em Salvador não foi documentado esse item lexical e entre as demais a variante obteve diferentes índices de registros. Recife esteve à frente com 100% de ocorrências, seguido por Maceió com 87,5%. Em Natal, *palma* obteve aproximadamente 46% de produtividade (06 ocorrências), seguido de duas capitais com duas ocorrências: Teresina (20%) e João Pessoa (16%). Com um único registro, *palma* aparece em Fortaleza (11%), em São Luís (12,5%) e em Aracajú (10%) (Isquerdo; Romano, 2023, p.200).

Em nenhuma das três obras lexicográficas consultadas, *palma* é registrada com o sentido atribuído pelos informantes. Previu-se nos dicionários que pode se referir ao “lado interno da mão, entre o pulso e os dedos” (Houaiss, 2009, p.1417), à “espécime das palmas, fam. de plantas que reúne, em sua maioria, árvores de tronco não ramificado, encimado por folhas grandes, freq. penadas e dispostas em espiral, mais conhecidas como palmeira ou coqueiro e nativas de regiões tropicais e subtropicais” (Aulete digital); à “parte do casco do cavalo que assenta sobre a ferradura” (Ferreira, 2010, p.1544), ou até mesmo à uma manifestação de apreço em que se batem as palmas das mãos; aplaudir (Aulete digital).

Mas, se considerar o que diz José Henrique dos Santos (1998) - “[...] *penca* que é o conjunto de dedos de bananas fixados pela almofada floral contendo no mínimo nove frutos.” – infere-se que, por extensão de sentido, os informantes talvez tenham comparado a *penca de banana* com a *palma da mão*, pois assim como os dedos integram a palma da mão, cada banana está articulada a uma base >



almofada floral, formando um conjunto de frutos > dedos de bananas. Acrescenta-se ainda o fato de, empiricamente no Nordeste, muitos chamarem *penca* de *palma*, pois se o conjunto de bananas “coubesse na palma da mão” era uma forma avaliar se a quantidade de bananas seria suficiente para alimentar os familiares em casa.

Ainda sob o viés analógico, a variante *mão*, registrada em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, também foi validada pela similaridade com a noção de *palma*.

Outro item lexical bem produtivo no Nordeste, que parece associar a ideia de número de frutos em cada penca à denominação, além de práticas de comercialização da banana, é *dúzia*. Presente em nove municípios baianos (Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Barreirinhas, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro e Caitité), em Santana do Itapema (AL), em Caicó (RN) e um Propriá (SE), chama atenção a ocorrência única no Paraná, onde foi mencionado pelo informante jovem de Umuarama.

Na região Nordeste, principalmente na Bahia, onde há clima propício e há também grandes plantações de banana, existe uma grande variação linguística *cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer* sendo possível notar nos resultados obtidos.

Figura 1 Demarcação do uso de *dúzia* no interior nordestino para nomear cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer



Fonte: elaborado pelos autores a partir Cardoso (2014).

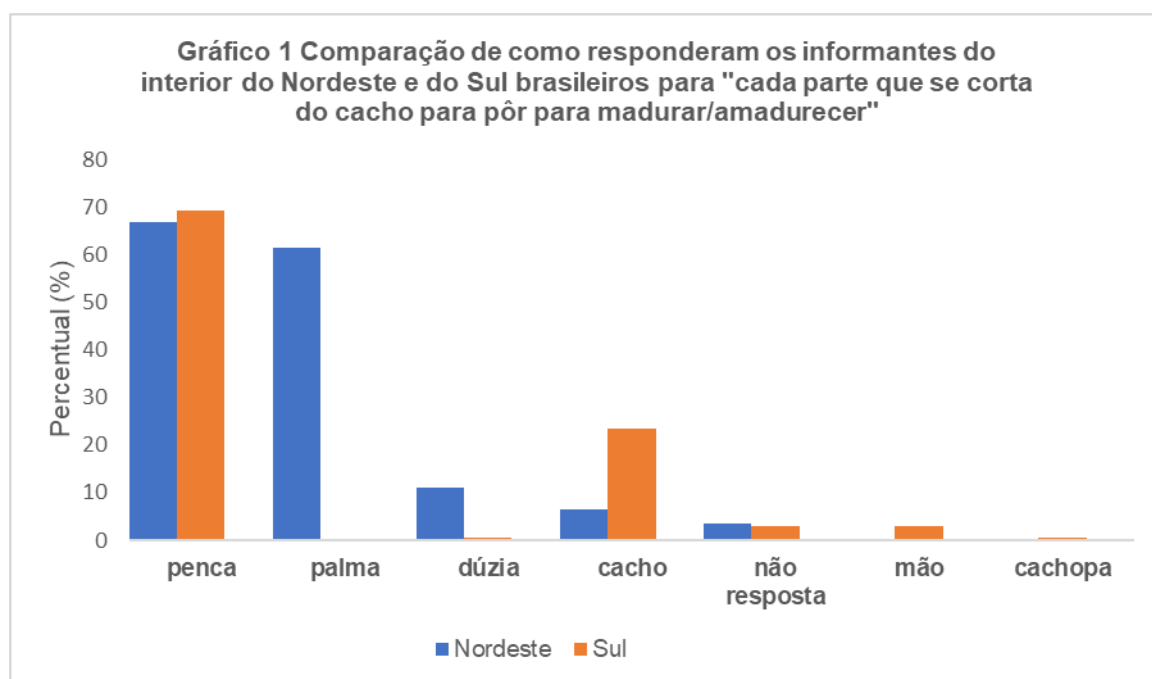


Cacho é outra possibilidade de nomeação comum entre as duas regiões, mesmo tão distante. Diferentemente do Nordeste, a região Sul não é uma grande produtora de banana, pelo seu clima mais frio e, algumas vezes, mais seco dificultarem a produção dessa fruta. Talvez por isso *cacho* (30 ocorrências) seja a variante mais usada entre os gaúchos, coocorrendo quase que na mesma proporção com a forma *penca*, mencionada vinte e seis (26) vezes. Em Porto Alegre, por exemplo, *cacho* esteve presente em 40% das respostas dos informantes (Isquierdo; Romano, 2023). No Nordeste, no entanto, ainda que tenha aparecido nos estados do Ceará (05 ocorrências), Bahia (04), Rio Grande do Norte (01) e Sergipe (01), não configura entre as variantes mais produtivas – constatação semelhante ao observado nas capitais: em Teresina, Aracajú e Natal com duas ocorrências em cada localidade e dita apenas uma vez em São Luís e Fortaleza (Isquierdo; Romano, 2023).

Nos dicionários de língua portuguesa consultados, *cacho* designa inflorescência, além de “conjunto de flores ou de frutos dispostos num eixo comum” (Aulete Digital), tal como *cachopa*, um lusitanismo, designa “cacho de flores na extremidade de um ramo” (Aulete Digital). Sabendo que a banana é uma fruta que surge de uma inflorescência, formada no centro da copa da bananeira, a partir de um “pseudocaule”, e que, na verdade, cada *cacho* é composto por várias *penas* de bananas, Romano e Isquierdo (2009, p.164) afirmam que além da similaridade semântica existente entre as definições e as características dos dois referentes,

[...] o falante urbano normalmente não tem contato com o *cacho* da banana, estando apenas familiarizado com parte dele, a *penca*, a que também não tem necessidade de nomear, já que o hábito de comprar uma penca de banana é típico dos pequenos centros urbanos. Nas cidades de maior porte, sobretudo nas capitais, as bananas são normalmente compradas por “quilo”, inclusive nas feiras livres.

De modo geral, os dados apontam para uma variação lexical decorrente de processo metonímico e por analogia entre os referentes conhecidos pelos informantes, ratificando resultados de outros trabalhos desenvolvidos a partir dos dados do ALiB. A seguir, um gráfico comparativo do *corpus* discutido nesse texto.



Fonte: elaborado pelos autores

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, s.d. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2025.

CARDOSO, Suzana Alice et.al. **Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1, vol.2**. Londrina: Eduel, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Eduel, 2001.

DOS SANTOS, José Henrique. **Efeito do transporte manual na ocorrência de danos mecânicos em bananas (MUSA CAVENDISHII)**. Tese (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareital no Mato Grosso**. Porto Alegre – RS:



UFRGS, 2014. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles – elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Entre *penas* e *mangarás*: considerações sobre o léxico. In. MOTA, Jacyra Andrade; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; OLIVEIRA, Josane Moreira de (org.). **Atlas Linguístico do Brasil**: comentários às cartas linguísticas 1. vol. 3. Londrina: EdueL, 2023, p.197-208.

ROMANO, Valter Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. O rural *versus* urbano na norma lexical do português do Brasil: uma reflexão a partir das designações para *penca* de banana nas capitais brasileiras. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; ALTINO, Fabiana C.; AGUILERA, Vanderci A. (org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**: descrevendo a língua, formando novos pesquisadores. vol. 1. Londrina: EdueL, 2009, p.158-166.

Anexos



Fonte: CARDOSO, Suzana Alice et.al. **Atlas Linguístico do Brasil**: cartas linguísticas 1, vol.2. Londrina: EdueL, 2014.

Realização:



Apoio:



"Subsídios para a construção do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação do MS e dos Planos Municipais de Educação"

DOURADOS-MS, DE 04 A 06 DE AGOSTO DE 2025

